



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS IMPLICAÇÕES NA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA: um estudo de caso na Comunidade Pentecostes

Katiane Alyne de Souza Ribeiro da Silva ⁽¹⁾

Ana Carla Silva Ferreira ⁽⁴⁾

Centro de Ensino Dr. Otávio Vieira Passos ⁽¹⁾

katifrenetik@hotmail.com

Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP)⁽⁴⁾

karlinha.ana10@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a existência, ou não, de preconceitos relacionados à linguagem oral humana na comunidade Pentecostes, no município de Feirinha-MA. O preconceito linguístico é uma prática recorrente no Brasil devido ao fato de este possuir um vasto território e uma diversidade cultural considerável, diante disso, sentiu-se a necessidade de discutir, empiricamente, sobre esta temática. Para a coleta de dados utilizou-se como instrumento de pesquisa a aplicação de dois questionários, sendo um dedicado a oito professores da comunidade que trabalham com o ensino de Língua Portuguesa, e outro destinado a trinta moradores da comunidade no intuito de verificar se estes, em algum momento de sua vida, já se sentiram hostilizados pela maneira como falam. Para fundamentar teoricamente esta pesquisa foram utilizados estudiosos renomados na área em estudo, tais como: Labov (2008), Bagno (2003, 2010), Ilari (2006), Sá (2007), Lima e Silva (2012), Molica (2010), Bortoni-Ricardo (2004), Ramos (2007), entre outros. A conclusão desta análise possibilitou a percepção de que, mesmo com avanços consideráveis relacionados ao campo de estudo da linguagem, ainda assim, a existência desse tipo de preconceito se faz presente na sociedade atual.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico; Linguagem, Ensino, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual tem sido considerada moderna devido ao fato de apresentar em sua configuração atual comportamentos que a caracteriza dessa forma.

Ao realizar estudos que possuem como objetivo analisar o homem e o seu comportamento em relação ao outro, Labov (2008) deixa claro que o ser social está exposto diariamente a variadas situações, dentre estas pode-se citar a linguagem que, em determinadas situações, pode criar situações de naturezas diversas a este mesmo homem deixando-o à vontade ou constrangido pela sua maneira de falar.

A comunidade Pentecostes é um nome fictício dado à comunidade em pesquisa no intuito de manter preservar a integridade dos indivíduos em pesquisa. Está localizado no Município de Mata Roma no Estado do Maranhão e sua referência na região Nordeste situada nos arredores da cidade de Chapadinha e Anapurus, com a aproximadamente 820 habitantes, tendo como sua principal fonte de renda a agricultura.



Assim, é objetivo do presente trabalho discutir acerca da linguagem oral humana, especificamente da ocorrência, ou não, de preconceito linguístico sofrido por parte dos moradores da comunidade Pentecostes município de Feirinha-MA.

Para fins de coleta de dados esta pesquisa fora do tipo bibliográfica – no intuito de fundamentar teoricamente as discussões que hora se iniciam – e de campo – para que pudesse analisar empiricamente se existe, ou não, a ocorrência de preconceitos em relação à língua.

Foram aplicados dois questionários: um para os professores que trabalham com Língua Portuguesa na comunidade em estudo (oito professores). Este, por sua vez, teve por objetivo levar os professores a refletirem acerca de sua conduta enquanto docente, verificar se os materiais utilizados por estes, em sala de aula, estão atendendo às necessidades de aprendizagens de seus alunos; e outro destinado aos moradores da comunidade (trinta moradores). O objetivo desta entrevista fora de verificar se estes sentem-se discriminados pela sua maneira de falar quando se expõem publicamente e como se comportam ao se sentirem que estão sendo vítimas de preconceitos em relação à sua fala.

No intuito de fundamentar teoricamente esta pesquisa, foram utilizados os seguintes estudiosos: Labov (2008), Bagno (2003, 2010), Ilare (2006), Sá (2007), Lima e Silva (2012), Molica (2010), Bortoni-Ricardo (2004), Ramos (2007), entre outros.

Sabe-se que esta pesquisa não se trata de um tema inovador, pelo contrário, existem pesquisas, como as realizadas por Bagno (2010), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (2008) que discutem acerca deste tema há alguns anos, porém sempre existe a necessidade de continuar pesquisando sobre preconceitos relacionados à língua.

Dessa forma, que esta discussão sirva para alargar, ainda mais, o campo de estudo da Linguística.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a linguagem dos sujeitos a partir de suas práticas cotidianas. Com isso buscou-se entrevistar pessoas de grupos e faixa etárias diferentes a fim de conhecer traços e características que determinam a realidade da comunidade.

A pesquisa fora realizada em dois momentos: primeiramente o grupo de pesquisadores deslocou-se para a comunidade no intuito de conhecer a comunidade, apresentaram-se ao representante legal desta e solicitaram a autorização deste para que a pesquisa pudesse ser, de fato,



realizada com o aval de todos da comunidade; após a aceitação de todos os membros da comunidade, deu-se início à coleta de dados no comunidade em estudo.

De acordo com MORESI (p. 9, 2003), “[...] a pesquisa de campo é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não”. Assim, pode-se afirmar que este estudo trata-se de uma pesquisa de campo por apresentar características semelhantes das apresentadas pelo estudioso.

Para que houvesse uma melhor interpretação dos resultados obtidos, estes, por sua vez, foram tabelados em porcentagem, o que caracteriza esta análise como sendo de cunho quantitativo:

Pesquisa Quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (porcentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.) (MORESI, p. 8, 2003).

A citação acima justifica a classificação desta pesquisa de acordo com a forma da abordagem do problema.

DISCUSSÃO

Questionou-se aos professores o que significava ser professor. Dentre as respostas dadas algumas chamaram bastante atenção.

O professor 1 relatou que “Ser professor é muito difícil, ainda mais quando não se tem ajuda do governo”.

O professor 2 afirmou que “Ser professor está sendo cada vez mais difícil porque os alunos não respeitam mais a gente”.

O professor 3 disse que “Ser professor é estar preparado pra qualquer situação em sala de aula, seja ela boa ou ruim”.

O professor 4 afirmou que “Ser professor é preparar o cidadão do futuro”.

O professor 5 afirmou que “Ser professor é ser responsável pelo futuro do País”. O professor 6 relatou que “Ser professor é amar a educação”.

O professor 7 afirmou que “Ser professor é estar de braços abertos para encarar os desafios educacionais do nosso país”.

O professor 8 disse que “Ser professor é auxiliar na formação do cidadão do amanhã”.



Pela resposta dada pelos educadores em pesquisa pode-se concluir que todos encaram a docência como um verdadeiro desafio, mas que precisa ser encarado com seriedade. Reconhecem a responsabilidade que têm nas mãos, mas que existem empecilhos que dificultam o seu trabalho.

Dessa forma, pode-se afirmar que:

Ao refletir sobre a função do professor na atualidade, deparamo-nos com a dificuldade de combinar os muitos fatores que dizem respeito à formação humana. O contexto atual, em que os problemas político-econômicos estão aliados à vertiginosa evolução científica e tecnológica, reflete-se em mudanças nas formas de ser e viver dos homens em todos os níveis, desconcertando a quem tem a profissão de ensinar/formar crianças e adolescentes (HAGEMeyer, p. 68, 2004).

A docência é uma profissão melindrosa que requer dedicação, conhecimento de causa para que não desencaminhe uma legião de alunos tornando-os, assim, em cidadãos medíocres, alienados, desconhecedores de seus direitos e deveres.

Questionou-se aos professores sobre a razão pela qual escolheram ser professores.

De acordo com o resultado obtido, pode-se concluir que a maioria dos professores vem a sua escolha profissional com insatisfação, tendo em vista que por não terem tido uma opção melhor acabaram por escolher a docência.

De acordo com Gatti e Barretto (2009), para ser um bom professor é preciso que este encare a sua profissão com dedicação e que a escolha por sentir-se feliz em ser educador, mas que a maioria dos professores brasileiros escolhe a docência como sendo a última das escolhas que este teve na vida, devido ao fato de todas as suas outras melhores tentativas terem falhado.

A partir da discussão das estudosas evidencia-se que o mesmo aconteceu com os professores em pesquisa em que 60% deles são professores por falta de opção melhor.

Questionou-se aos educadores de que forma estes ministram as suas disciplinas. A maioria deu respostas muito semelhantes: os professores 1, 3, 4, 6 e 7 responderam que seguem o livro didático, porém, os professores 2, 5 e 8 afirmaram que além do livro didático utilizam outros recursos em sala de aula para garantir o aprendizado dos alunos.

Vale ressaltar que durante as observações não foi possível notar a utilização de outros recursos em sala de aula pelos professores, a não ser do próprio livro didático.

De acordo com os PCN's (1997), trabalhar com recursos didáticos variados facilita a fixação do conteúdo por parte do aluno, tendo em vista que este se sente mais motivado quando sai do trivial da sala de aula.

Fora questionado aos professores o que estes entendiam por ensinar Língua Portuguesa: os professores 2, 3, 6, 7 e 8 entendem que é ensinar as regras gramaticais para que seus alunos



possam escrever textos, fazer concursos; os professores 1, 4 e 5 entendem que este ensino encontra-se associado às regras de bom uso da língua materna para que possam escrever, falar corretamente.

A partir dos resultados acima pode-se perceber que menos da metade dos professores conseguem desvencilhar o ensino de Língua Portuguesa das apregoações das regras da Gramática Normativa.

Dessa forma, de acordo com Travaglia (2006), ensinar Língua Portuguesa não é ensinar regras gramaticais e sim ensinar de que forma pode-se utilizar, de maneira mais adequada, a língua materna. Portanto, menos da metade dos professores em pesquisa compreendem o real significado do ensino de Língua Portuguesa.

A entrevista teve continuidade com as limitações encontradas, pelos educadores, em trabalhar a sua disciplina. Nesse questionamento abriu-se espaço para que os professores escolhessem mais de uma opção. O que chama a atenção para essa discussão foi que 100% dos professores escolheram as três opções que lhes foram apresentadas: Falta de recurso; Ambiente inadequado; Alunos desmotivados.

A partir do resultado acima pode-se observar que todos os professores encontram dificuldades em trabalhar com a disciplina que ministra e que a ausência de recursos é uma delas. Importante lembrar que no quarto questionamento parte dos professores afirmou que fazia uso de outros recursos além do livro didático. Diante disso, surge a dúvida se, de fato, os professores compreenderam a pergunta que lhes havia sido feita naquele momento.

Os PCN'S (1997) discutem sobre a importância de trabalhar com outros recursos, além do livro, mas reconhecem que existem limitações no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, mas que precisam ser superados.

O próximo questionamento fora direcionados às atividades que têm sido desenvolvidas pelos professores para que tais limitações sejam superadas. 100% dos professores afirmaram, em textos semelhantes, que fazem aquilo que está dentro de suas possibilidades para melhorar, diminuir os problemas que surgem em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

Acerca disso, Gadotti (2000) afirma que é tarefa docente buscar estratégias que sirvam para diminuir as dificuldades que surgirão ao longo do caminho da arte de educar. Nesse contexto, pode-se concluir que os professores da comunidade em pesquisa têm buscado seguir o que o teórico em questão apresenta como sendo uma postura adequada adotada pelo educador comprometido com a docência.



O penúltimo questionamento fez menção às concepções que os professores de Pentecostes têm em relação à competência comunicativa. As respostas apresentadas foram variadas, mas a partir das análises feitas pode-se concluir que 70% dos docentes em pesquisa possuem um conhecimento limitado em relação ao real significado da expressão em questão. Pela nomenclatura das palavras estes professores afirmaram que é a capacidade de se comunicar, e seu comentário se limita a isso. Os outros 30% dos entrevistados tentam discutir o que compreendem sobre esta habilidade humana.

De acordo com Travaglia (1996), competência comunicativa está diretamente ligada à capacidade humana de estabelecer a comunicação efetiva entre seus pares, mas para que isso ocorra de maneira coerente julga-se necessário que os envolvidos no processo comunicativo façam uso, de maneira adequada, da língua materna.

Entende-se “uso de maneira adequada” como sendo o uso correto das palavras que fazem parte da língua portuguesa, bem como suas regras de bom uso desse idioma.

Percebe-se, assim, que os professores em pesquisa possuem limitações no que diz respeito à compreensão do que vem a ser a capacidade de comunicação do homem.

O último questionamento direcionado aos docentes da comunidade Pentecostes fora uma espécie de auto-reflexão de sua conduta educacional. Perguntou-se aos entrevistados se estes se sentiam contribuidores para a ampliação da capacidade comunicativa de seus alunos e de que forma isso acontecia.

Pode-se notar que os professores tiveram um grau de dificuldade maior em responder esse último questionamento. Não se pode atribuir tal situação a nenhum aspecto visível. Provavelmente para se chegar a uma conclusão mais coerente o ideal seria que as pesquisas se estendessem por mais tempo.

Assim, 20% dos professores se consideram disseminadores, ampliadores da competência comunicativa de seus alunos e que conseguem alcançar seus objetivos por fazerem uso de metodologias que os auxiliam nesse processo.

Os referidos educadores mencionaram a formação docente como sendo um dos meios que os leva a refletir, analisar com cautela os recursos, as estratégias de ensino mais adequadas para tornarem seus alunos cidadãos aptos a estabelecerem comunicação efetiva com qualquer outro indivíduo. Os outros 80% reconheceram as suas falhas, mas se comprometeram em melhorar suas metodologias para que seus alunos sejam beneficiados em relação à sua capacidade comunicativa.



Dessa forma, pode-se notar que os professores da comunidade em estudo possuem suas fragilidades em relação à arte de educar, porém estão abertos a novas mudanças, a novas ideias que possam vir a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

A sequência desta análise deu-se com a fundamentação teórica dos resultados obtidos na pesquisa realizada com os alunos.

Através da pesquisa fora possível notar que nenhum morador entrevistado é analfabeto. A maioria da população em pesquisa possui apenas o ensino fundamental incompleto e a minoria possui ensino fundamental completo.

O ser alfabetizado tem acesso a bens materiais que os não-alfabetizados não terão acesso, a não ser através de discursos elaborados previamente por outrem. A possibilidade de posicionar-se criticamente em relação a determinado assunto vai depender do esclarecimento de cada indivíduo. O homem que encontra-se em sociedade necessita estar ciente de todas as situações que o cercam, sejam políticas, econômicas, sociais, educacionais para que tenha condições de se manifestar ativamente frente a tais situações através da linguagem (BRASIL, 2008).

Assim, de acordo com a discussão acima, pode-se inferir que os moradores da comunidade em análise possuem poder argumentativo limitado, mas são competentes para debater determinados assuntos, porém, devido à baixa escolaridade da maioria dos entrevistados – ensino fundamental incompleto – estes, por sua vez, poderão sentir, em algum momento, dificuldades em argumentar, debater assuntos que sejam de interesses da própria comunidade.

Questionou-se, também, aos entrevistados, sobre a possibilidade de já terem sido vítimas de exclusão devido à sua maneira de falar.

Ao observar o resultado obtido nota-se que a maioria – 85% – dos moradores em estudo já se sentiu excluída por sua maneira de falar, ou seja, já foram vítimas de preconceito linguístico.

Ser preconceituoso linguisticamente é não reconhecer a importância da variedade linguística que existe em nosso país. É ser contra a cultura peculiar de cada povo, de cada gente (Bagno, 2003).

Nesse contexto, pode-se conceber que as pessoas que vitimaram os entrevistados ao preconceito em relação ao uso da língua são ignorantes a ponto de não reconhecerem, tão pouco respeitarem a validade da variação linguística para os estudos relacionados ao campo da linguagem.

O próximo questionamento fora destinado, também, à maneira dos entrevistados de se comunicarem e qual a reação das pessoas.



O resultado possibilita perceber com que frequência pessoas ainda excluem umas às outras pela sua maneira de falar. Embora se tenha um resultado favorável em relação à aceitação da maneira como cada pesquisado se expressa linguisticamente – 58% – ainda assim, 42% é um número expressivo.

Bagno (2010) afirma em uma de suas pesquisas que à medida que o homem evolui, intelectualmente falando, este, por sua vez, deveria estar ciente de que a variação linguística é um processo necessário para a construção da cultura de um povo, mas, ainda assim, por mais intelectualizado que seja, existem aqueles que fazem questão de ignorar essa riqueza e preferem permanecer no campo da ignorância cultural.

Dessa forma, percebe-se que a afirmação do estudioso faz sentido, uma vez que tais preconceitos foram evidenciados em ambientes bancários, em que as pessoas que fazem parte desta sociedade, especificamente, são consideradas intelectuais, sendo que para estarem ocupando aquele cargo, estas, portanto, tiveram de se submeter a um processo seletivo rigoroso.

A pergunta que dá prosseguimento a este estudo se reporta ao temor que algumas pessoas podem sentir em relação ao emprego inadequado da língua portuguesa.

A partir do resultado coletado, pode-se observar que a maioria dos entrevistados – 66% – já deixou de pedir alguma informação por receio de não saber se expressar linguisticamente de maneira adequada. Este resultado possibilita uma discussão ao que diz respeito à existência de preconceitos e a consciência dos falantes de que estes existem. Vale observar, ainda, que os entrevistados se consideram limitados em relação à comunicação.

De acordo com Nogueira (2012), a variedade linguística existe e precisa ser respeitada, estudada, porém, a sociedade contemporânea ainda apresenta (embora se tenha registros de verdadeiros avanços em relação a esta temática) empecilhos para que o homem possa, de fato, se comunicar de maneira livre, sem amarras. Este, por sua vez, sente-se coagido a falar em público, em situações peculiares, por essa razão prefere permanecer em uma situação de dúvida a questionar acerca de algo.

O questionamento que dá prosseguimento à pesquisa também faz menção a esta mesma temática: preconceito linguístico.

Ao avaliar este resultado, pode-se concluir que a maioria das pessoas tem dificuldades em ajudar alguém que esteja em alguma sessão de um supermercado e que, pelo fato de desconhecerem o nome correto de alguns produtos, não conseguem ajudá-lo. De acordo com Wagner (2005) este é um dos frutos do momento vigente, uma vez que as pessoas não têm “tempo a



perder” com outras que estejam confusas em relação a nomes e/ou indicações de produtos em uma prateleira de supermercado, de uma farmácia, padaria. O homem deste século “corre” contra o tempo.

Levando em consideração o que fora relatado pelo estudioso em questão, esta discussão se aplica aos estudos relacionados à linguagem. De acordo com Camacho (2009) a variedade linguística precisa ser entendida e analisada por aqueles que vivem em sociedade no intuito de estar sempre em contato com o outro, uma vez não havendo esta interação o contato social tenderá a diminuir, paulatinamente, e isso irá interferir na linguagem humana. Para que o homem permaneça interagindo socialmente é necessário que este disponha de tempo, pois estar em sociedade é respeitar o tempo de aprendizagem do outro e, principalmente, o espaço do outro.

O fato de as pessoas terem dificuldades em compreender o alguém esteja a procurar em um supermercado e a sua não disposição em ajudá-lo pode ser encarado como ausência de interação social. Uma vez não havendo interação não haverá, também, uso da linguagem tornando-a, assim, ainda mais limitada.

O penúltimo questionamento desta pesquisa fez referência à dificuldade que as pessoas têm de lidar com o diferente.

Diante do resultado apresentado, percebe-se que uma quantidade expressiva de pessoas – 77% – não estranha a maneira como os moradores da comunidade em pesquisa falam. Nesse ponto o grupo de pesquisadores vê-se diante de uma situação que pode ser considerada como uma incoerência em relação às respostas dadas pelos entrevistados, tendo em vista que, até este momento da pesquisa, todos os resultados apresentados indicavam a presença de preconceitos em relação ao uso da língua nesta comunidade e, de repente, este fenômeno deixa de fazer parte desse contexto.

De acordo com Castro (p. 88, 1992), “a linguagem é o retrato de sua cultura”, assim, a maneira como os moradores de Pentecostes se comunicam é a representação fiel de sua cultura, e onde quer que estes estejam essa linguagem sempre vai estar presente.

O questionamento que encerra esta entrevista fora direcionado à maneira como os moradores desta comunidade se sentiram ao perceberem que a sua forma de falar causou estranheza à sua visita.

Diante do resultado apresentado, compreende-se que, mesmo aqueles que perceberam estranheza em relação à maneira como utilizavam a língua por parte de pessoas que não pertenciam à comunidade, ainda assim, sentiram-se à vontade em falar à sua maneira, sem que houvesse a preocupação, necessidade de policiar a sua linguagem.



A partir deste resultado, o grupo de pesquisadores encontra-se, mais uma vez, diante de uma situação que causa a sensação de incoerência, tendo em vista que, até este momento da pesquisa, todos os resultados apresentados mostravam que os moradores de Pentecostes tinham receio de falar publicamente.

Nesse contexto, Brasil (2008) afirma que a linguagem é capaz de provocar variadas sensações no indivíduo, dentre estas, a sensação de aprovação – caso este ser tenha sido feliz no uso da língua – ou de reprovação, por si mesmo – ao perceber que causou desconforto ao outro pela sua maneira de se expressar. Isso é uma situação natural entre os homens devido ao fato de este ser um cidadão crítico e consciente.

CONCLUSÃO

Discutir acerca de preconceito linguístico não é tarefa simples, tão pouco inovadora, porém, é necessário devido ao fato de tratar-se de um tema recorrente.

Através da pesquisa, que hora se encerra, pode-se concluir que, embora exista a tentativa de diminuir a existência do preconceito em relação ao uso da língua oral, ainda assim esta situação é uma prática que se faz presente no cotidiano dos moradores da comunidade Pentecostes.

A diversidade linguística existe e precisa ser respeitada, tendo em vista que o Brasil é um país miscigenado e seria uma arbitrariedade exigir que este, que se apresenta com uma configuração cultural diversificada, fosse homogêneo em sua língua.

Os muitos falares presentes ao longo do território brasileiro o torna um país rico, diversificado. Seria interessante que as escolas trabalhassem essas diferenças com frequência, pois esta, por se tratar de uma instituição que contribui para a formação moral e intelectual do homem, precisa estar afinada a questões como esta.

A docência exige do professor dedicação, respeito para com os seus alunos. A maneira como estes falam não deve ser motivo para que sejam incluídos ou excluídos em sala de aula, diante disso, é papel do educador trazer para o ambiente escolar discussões dessa natureza.

Estar em harmonia com a sociedade da qual faz parte é essencial para que o indivíduo sinta-se à vontade para expor ideias, argumentar opiniões e questionar decisões, mas este somente poderá atuar dessa forma se estiver consciente de seus direitos e deveres enquanto cidadão e, para isso, é necessário que esteja em contato direto com a sociedade, interagindo linguisticamente com outras pessoas.



Dessa forma, julga-se necessário que o indivíduo, enquanto ser social, esteja em contato frequente com o outro, e que sua participação nas tomadas de decisões relacionadas à sua comunidade sejam sempre registradas por meio de sua fala.

Deseja-se, com esta pesquisa, não apenas realizar mais uma discussão relacionada ao preconceito linguístico, e sim despertar, ainda mais, o interesse de futuros pesquisadores para esta temática, tendo em vista que este assunto trata-se de uma fonte inesgotável de conhecimentos e que precisa ser explorada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1997.

_____. **Programa de formação continuada de professores do anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem**. Brasília: MEC, 2008.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. 8 ed. São Paulo: Parábolas, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedade linguística**. São Paulo: UNESP, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo: Parábola, 2000.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos. **Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança**. Curitiba: UFPR, 2004.

LABOV, Willian. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

NOGUEIRA, Fracieli Motta da Silva Barbosa. **Variação linguística e o ensino de língua materna**. Itabaiana-SE, 2012.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação: uma nova proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1996.

WAGNER, Jaime. **A arte de planejar o tempo**. Literalis, 2005.